O DESPERTAR DO MAGA, A DOMINAÇÃO DE TRUMP E O IMPACTO DO INTERESSE NO GOOGLE

Thiago Perez Bernardes de Moraes[1], Romer Mottinha Santos[2]

[1]Centro Universitário Campos de Andrade - UNIANDRADE, Curitiba, Brasil (thiagomoraessp@hotmail.com)
[2] Centro Universitário Internacional - UNINTER, São José dos Pinhais, Brasil

Resumo: Esse trabalho utiliza o Google Trends para verificar e analisar as tendências na Web global sobre as buscas por MAGA "*Make America Great Again*". O recorte temporal é de 2004 a 2026. A fundamentação teórica debate a dominação carismática atribuída a Donald Trump e a cultura reacionária categorizada aos seguidores e apoiadores do presidente republicano. Os resultados apontam grande volume de buscas por MAGA no período de Trump na presidência.

Palavras-chave: MAGA; direita radical; Google Trends.

INTRODUÇÃO

O termo MAGA é sigla para "*Make America Great Again*" (Tornar a América Grande Novamente, em tradução livre). O slogan é amplamente utilizado por republicanos e apoiadores do presidente estadunidense Donald Trump. A frase é estampada em itens como camisetas e principalmente em bonés vermelhos (cor referência do Partido Republicano), vistos em grande número durante os comícios de Trump. Inicialmente a frase foi usada por Ronald Reagan como slogan em sua campanha presidencial de 1980 ("*Let's Make America Great Again*" - Vamos Tornar a América Grande Novamente), a releitura da frase teve forte adesão entre os apoiadores de Trump (Granchi, 2024).

Visto isso, o estudo examina a trajetória do interesse público por *Make America Great Again* (doravante, MAGA), mensurado mediante séries temporais e recortes geográficos do Google Trends, no período de janeiro de 2004 a fevereiro de 2026, com dois recortes espaciais: (i) Estados Unidos; e (ii) global. O foco recai na "busca pelo termo" em sentido estrito, mas no tópico cadastrado na plataforma, estratégia que tende a reduzir ambiguidades semânticas e a capturar variações linguísticas em torno do mesmo conceito, ainda que não elimine problemas de amostragem, mudanças algorítmicas e erros de mensuração.

Como pano de fundo, importa lembrar que o slogan *Make America Great Again* e sua reapropriação contemporânea combina política, marca e mercadoria. O enunciado, nesse sentido, opera como condensador semântico de nostalgia nacional, promessa de restauração e fronteira moral entre "povo" e "elite", podendo funcionar como significante "vazio" ou "flutuante", altamente apropriável por diferentes agendas, justamente por sua elasticidade. Os apoiadores do presidente se identificam como MAGA nas redes sociais. Eles se tornaram sinônimo de quem não apoia iniciativas de proteção ao meio ambiente, políticas de inclusão social, reconhecimento de identidades de gênero não-binárias, além de se identificarem com o nacionalismo promovido pelo presidente (UOL, 2025).

E quem é Donald Trump? O magnata Donald Trump antes de chegar à arena política era um personagem recorrente na mídia, por seu trânsito no mundo do entretenimento. Trump começou a se tornar conhecido como proprietário dos concursos de beleza Miss Universo, Miss EUA e Miss Teen EUA e alcançou maior projeção como criador e apresentador do reality show O Aprendiz (*The Apprentice*), do qual fez parte entre 2004 e 2015 (BBC News Brasil, 2024).

Na presidência dos Estados Unidos ocupou o cargo de 20 de janeiro de 2017 a 20 de janeiro de 2021 e retornou para o cargo em 20 de janeiro de 2025. Ao fim do primeiro mandato, Trump foi um ator político chave em 6 de janeiro de 2021 na invasão do Capitólio. O processo para certificação da vitória eleitoral do presidente democrata Joe Biden foi interrompido por apoiadores de Trump que invadiram o Capitólio. Eles buscavam impedir que o rito fosse concluído e o democrata se tornasse oficialmente o vencedor da eleição de 2020, que disputou com o republicano (CNN Brasil, 2024)."

DOMINAÇÃO CARISMÁTICA E CULTURA REACIONÁRIA

Então, para categorização da atuação e representação política de Donald Trump utilizamos como fundamentação teórica a dominação carismática, de Max Weber.

Max Weber, nos anos 1910 e 1920, formulou um tipo ideal sociológico por meio do conceito de carisma que nos permite compreender e explicar fenômenos sociais, caracterizados geralmente - e de forma alguma restrita apenas à vida religiosa - em sua oposição ao cotidiano, ordenado e duradouro (Bach, 2011, p. 52-53). Quando Max Weber distinguiu o conceito de carisma dos seus contextos originais mágico-religiosos e teológicos, e a partir dele desenvolveu um tipo ideal sociológico, ele conferiu ao irracional, extracotidiano e singular um status conceitual e um sólido fundamento teórico próprio (Bach, 2011, p. 53).

Em sua sociologia da dominação, Max Weber contrapõe a "dominação carismática" aos tipos "tradicional" e "legal-burocrático" de dominação. Weber percebe que a dominação carismática "destitui o passado e é, nesse sentido, especificamente revolucionária" (Bach, 2011, p. 54).

O poder e a dominação são, de acordo com Weber, relações sociais. Relações de poder e dominação são, evidentemente, relações sociais assimétricas, mas sempre pressupõem disposição ou um interesse em obedecer, um "mínimo de vontade de obediência". Não havendo a aceitação da pretensão de dominação por parte dos dominados não pode existir uma dominação legítima e, com isso, também nenhuma chance de permanência e criação de ordem. Em relações puramente carismáticas, porém, os "motivos de submissão" específicos não podem ser encontrados em interesses de fins racionais nem na ação habitual do cotidiano. Pelo contrário, o que age de forma decisiva aqui são motivos específicos de valores racionais, ou seja, a dedicação irracional ao exagerado valor próprio de ideais ético-morais, sociais ou políticos. Weber fala nesse contexto também de uma "comoção" causada pela pregação (Bach, 2011, p. 56-57).

A obrigação de obediência em relação ao portador do carisma resulta, de um lado, da devoção ao absolutismo, a mensagem proclamada e, de outro, da fé nas qualidades espirituais e físicas da pessoa de seu portador, da qual o sucesso da missão parece depender essencialmente. Resumindo, a dominação carismática é caracterizada em essência pela personificação das orientações de valores vinculadas à missão e pela relação de autoridade. A personificação se baseia em um processo psicológico de atribuição coletiva de faculdades extraordinárias (Bach, 2011, p. 57).

Visto isso, para categorização dos apoiadores, seguidores e eleitores de Donald Trump incluímos os mesmos no espectro ideológico de direita radial, extrema direita e reacionários.

Os reacionários não são conservadores. É a primeira coisa que se deve entender a seu respeito. À sua maneira, são tão radicais quanto os revolucionários e não menos firmemente presos nas garras da imaginação histórica. Os reacionários são obcecados pelo medo apocalíptico de entrar numa nova era de escuridão (Lilla, 2018, p. 11).

Os reacionários descobriram que a nostalgia pode ser uma forte motivação política, talvez mais poderosa até que a esperança. As esperanças podem ser desiludidas. Já a nostalgia é irrefutável (Lilla, 2018, p. 13). O reacionário politicamente engajado é movido por paixões e suposições não menos compreensíveis que as dos revolucionários engajados, desenvolvendo teorias não menos sofisticadas para explicar o curso da história e esclarecer o presente (Lilla, 2018, p. 13-14).

A nostalgia política reflete uma espécie de pensamento mágico sobre a história. A vítima acredita que existiu uma “Época de Ouro” bem delimitada e que possui um conhecimento esotérico dos motivos de seu fim. Quanto mais encantados nos tornamos com nossa psique individual, menos capazes nos tornamos de entender a psicologia das nações, dos povos, das religiões e dos movimentos políticos. O fato de o presente ter se tornado tão ilegível para nós deve-se em grande parte a esse desequilíbrio (Lilla, 2018, p. 18).

MATERIAL E MÉTODOS

A base empírica é composta por exportações do Google Trends, com frequência mensal (o que é típico para janelas temporais longas), cobrindo 266 observações (2004-01 a 2026-02). Três componentes orientam o desenho: (a) Interesse ao longo do tempo para MAGA (tópico) em EUA e mundo; (b) Interesse por região (países e estados norte-americanos) com a opção de “regiões com baixo volume”, ampliando cobertura geográfica; e (c) Buscas correlatas (Top e Rising queries), que funcionam como uma janela semântica do entorno do tópico. “Rising searches” são termos com maior crescimento percentual no período selecionado em comparação ao período anterior; quando aparece “Breakout”, significa crescimento superior a 5000%.

Metodologicamente, o estudo emprega Google Trends para investigar ciclos eleitorais, economia cognitiva do eleitor, quase-experimentos e relações entre atenção pública e comportamento político. Do ponto de vista estatístico, a análise de picos foi operacionalizada por:

(i) decomposição robusta por mediana móvel de 12 meses, produzindo anomalias (interesse menos baseline);

(ii) detecção de máximos locais com restrição de distância temporal;

(iii) medidas de "excesso" (anomalia absoluta e percentual). Complementarmente, estimou-se um modelo descritivo em estilo "event study" (dummies mensais para eventos), com erros robustos a autocorrelação e heterocedasticidade (HAC), dado o caráter seriado dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se observar a série, verifica-se que ela é plasmada em três regimes, estimados por uma segmentação parcimoniosa em três patamares (quebras em 2016-02 e 2024-02). Em termos substantivos, isso sugere:

(a) um longo período de baixa atenção (2004-01 a 2016-01);

(b) um regime de atenção moderada associado à ascensão e à primeira fase do trumpismo (2016-02 a 2024-01);

(c) um regime de alta atenção ligado à campanha de 2024 presidencial estadunidense e ao retorno de Trump ao poder em 2025, com internacionalização ampliada do conflito simbólico (2024-02 a 2026-02).

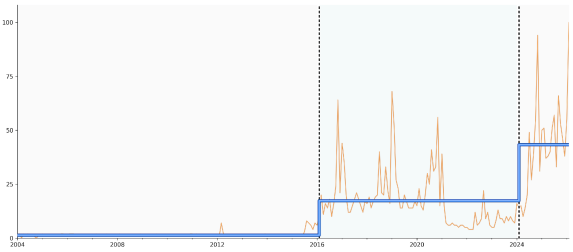


Figura 1. Métrica temporal de 2004 a 2026 de interesse pelo tópico MAGA nos Estados Unidos

No recorte dos EUA, a média do regime 2 é aproximadamente 12,4 vezes superior ao regime 1, e o regime 3 é cerca de 2,5 vezes superior ao regime 2. No agregado mundial, o salto é menor do regime 1 para o 2 (cerca de 3,1 vezes), mas é pronunciado do regime 2 para o 3 (cerca de 2,85 vezes). Estes números, tomados como efeito descritivo, já comunicam uma tese central: o significante MAGA torna-se "historicamente datável" como objeto de atenção massiva a partir do processo político cuja inflexão pública é 2015–2016. Essa datação é consistente com a institucionalização do slogan como marca do "trumpismo" e com o uso de Trump do boné (vermelho) como artefato de campanha.

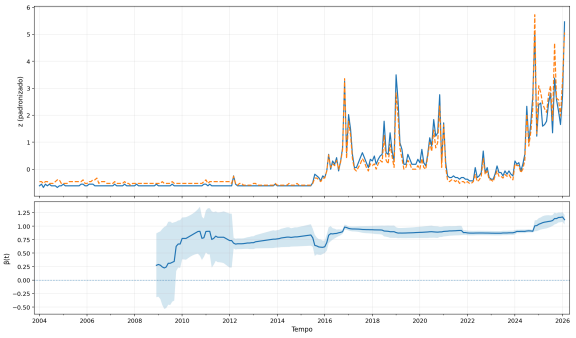


Figura 2. Métrica temporal comparada de 2004 a 2026 de interesse pelo tópico MAGA nos Estados Unidos e no Mundo.

Na Figura 2 temos na linha pontilhada o interesse por Maga no mundo, enquanto que, na linha azul, o interesse apenas nos Estados Unidos. É visível que, em termos de sincronização, as séries de EUA e mundo são altamente correlacionadas (correlação contemporânea aproximada de 0,98), e uma regressão simples do mundo sobre EUA explica cerca de 96% da variância ($R^2 \approx 0{,}96$). A forte colinearidade reforça uma leitura geopolítica onde em larga medida a agenda americana, quando articulada por um símbolo mobilizador, exporta-se como atenção, controvérsia e consumo semântico transnacional.

No recorte mundial, o ranking de países revela dois fatos sociologicamente sugestivos. Primeiro, os EUA são o polo central de atenção, como seria esperado. Segundo, aparecem com pontuações altas vários territórios pequenos e/ou fortemente conectados a circuitos políticos midiáticos americanos (por turismo, língua, dependência institucional ou circulação cultural).

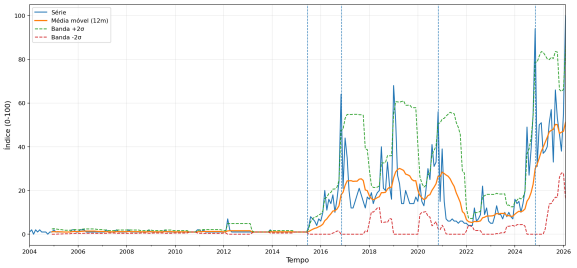


Figura 3. Anomalias (interesse menos mediana móvel de 12 meses) e picos detectados, EUA

Na Figura 3 denota-se que os picos mais relevantes (em anomalia, e não apenas em nível bruto) se conectam a eventos que reconfiguram o ecossistema simbólico MAGA, muitas vezes por choque midiático:

(a) Novembro de 2016: eleição presidencial que consagra Trump, convertendo slogan em

metonímia de vitória política e identidade coletiva. Em alguma medida o termo MAGA passa a ser um slogan de pertencimento;

(b) Janeiro de 2019: estudantes com bonés MAGA em Washington, "viralizam" na internet. O objeto material (boné) vira signo de conflito moral e racializado, elevando buscas;

(c) Novembro de 2020 e janeiro de 2021: eleição e crise de legitimidade culminando no ataque ao Capitólio em 6 de janeiro. Mesmo sem ser sinônimo do evento, MAGA figura como etiqueta nativa e externa para descrever atores, repertórios e disputas;

(d) Maio de 2022: a expressão "ultra-MAGA", promovida pela Casa Branca como rótulo adversarial, amplifica a circulação do significante no campo oposicional;

(e) Julho de 2024: atentado em comício de Trump e convenção republicana, eventos de enorme intensidade midiática, que reacendem a marca MAGA em escala global;

(f) Novembro de 2024 e janeiro de 2025: eleição e posse, com vitória oficial registrada e retorno à Presidência em mandato não consecutivo. Trata-se de um pico "constitucional", em que o símbolo MAGA volta a coincidir com o Estado, reduzindo a distância entre movimento e governo e;

(g) Setembro de 2025 e fevereiro de 2026: a própria comunicação institucional passa a empregar "MAGA" em formatos de mídia governamental ("MAGA Minute"), e o período coincide com eventos e controvérsias de alta visibilidade (inclusive a oração nacional e discursos presidenciais), o que pode contribuir para o pico em 2026-02.

TERMOS CORRELATOS E ECONOMIA SIMBÓLICA DA BUSCA

A análise das buscas correlatas (Top e Rising) cumpre aqui dupla função:

(i) diagnosticar sobre o que as pessoas procuram quando orbitam o tópico MAGA e ;

(ii) testar empiricamente a hipótese "Trump cooptou o termo", isto é, se o entorno semântico do tópico se personaliza e se mercantiliza.

Duas âncoras metodológicas são relevantes. A primeira é que "related queries" são definidas como termos pesquisados junto ao tópico; e "rising" indica maior crescimento relativo (com possível "Breakout"). A segunda é que, dada a escala e os problemas de replicabilidade, o uso acadêmico exige cautela adicional: mudanças no método do Google (notadamente a partir de 2022) podem introduzir erros de mensuração, tornando recomendável triangulação com eventos históricos e validação semântica dos picos.

Ao classificar semanticamente as Top queries (excluindo os termos "núcleo", como "maga" e "make america great again"), obtém-se um resultado muito expressivo: aproximadamente 66% (EUA) e 63% (mundo) do "peso" das buscas correlatas concentra-se em dois blocos: personalismo (menções a Trump) e mercantilização (objetos como bonés, chapéus e itens associados). Nesse desenho, como bem explícito na Figura 4, o MAGA aparece mais como marca político comercial do que como ideia abstrata.

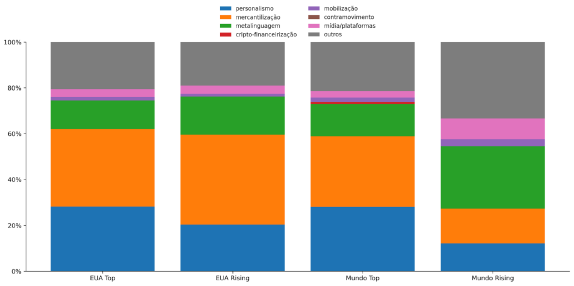


Figura 4. Estrutura semântica das buscas correlatas, Top queries, sem termos núcleo.

Há, contudo, um segundo bloco relevante, de natureza "metalinguística": consultas do tipo *what is maga, maga meaning, what does maga mean*. Mesmo sem medir posição política, esse bloco sugere que MAGA funciona como signo disputado, exigindo explicação, tradução e enquadramento. Nas *Rising queries*, emerge um elemento adicional: a extensão do signo ao universo cripto, com presença de "MAGA coin". Aqui, o significante se desdobra em ativo especulativo, articulando adesão cultural e mercado. Um token MAGA (*ticker TRUMP*) foi lançado no fim de agosto de 2023 e ganhou tração no ciclo eleitoral.

Em continuidade, a questão "Trump cooptou o termo?" pode ser respondida em três camadas, com consistência empírica e teórica:

(a) do ponto de vista histórico e material, há evidência documental, afinal, Trump buscou proteção marcária e passou a usar o slogan em boné de campanha em julho de 2015, consolidando um objeto-símbolo cuja cor (vermelho) se torna um marcador de reconhecimento. Antes disso, o slogan já circulava, inclusive com Reagan, mas sem densidade identitária contemporânea;

(b) Em perspectiva temporal, os dados mostram uma inflexão estrutural: do "mundo de baixa atenção" (até 2015–2016) para a era em que MAGA vira eixo recorrente de interesse. Esse salto é compatível com uma explicação por endogeneização

do signo na competição eleitoral e na polarização afetiva: numa arena em que a identidade partidária se comporta como identidade social, símbolos condensadores tendem a estruturar tanto adesão quanto repulsa, fazendo crescer o "consumo" do signo em ambos os pólos e;

(c) no aspecto semântico e institucional, o entorno do tópico é dominado por nome próprio e mercadoria, e o próprio governo passa a empregar "MAGA" em produtos comunicacionais oficiais ("MAGA Minute"), o que sugere uma captura que ultrapassa campanha e se aproxima do Estado.

CONCLUSÃO

Os dados e as evidências trianguladas sustentam quatro conclusões principais:

(a) o MAGA funciona, no Google Trends, como métrica de saliência pública altamente sensível a ciclos eleitorais, choques midiáticos e disputas simbólicas, mais do que como indicador unívoco de preferência;

(b) a trajetória temporal apresenta regimes claros, com salto decisivo em 2015–2016 e novo regime elevado a partir de 2024;

(c) o entorno semântico do tópico evidencia uma dupla economia: personalismo e mercantilização. Quando se exclui o termo "núcleo", a maior parte das buscas correlatas concentra-se em Trump e em artefatos (bonés, chapéus, bandeiras), sugerindo que MAGA foi capturado como marca político-comercial;

(d) a dimensão global do interesse opera por difusão conflitiva onde o signo exporta-se junto com suas controvérsias e paródias.

Como agenda de aprimoramento metodológico, três movimentos parecem especialmente promissores: (i) replicar extrações múltiplas e empregar calibração por âncoras para reduzir artefatos de arredondamento e escala (West); (ii) utilizar a API oficial (quando aplicável) e rotinas de padronização para comparabilidade entre consultas e (iii) estimar modelos de painel (estado-mês; país-mês) com variáveis exógenas (cobertura de mídia, eventos políticos, indicadores econômicos), mantendo a cautela com mudanças algorítmicas pós-2022.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às instituições Centro Universitário Internacional - UNINTER, em que os autores iniciaram suas jornadas acadêmicas na graduação e ao Centro Universitário Campos de Andrade - UNIANDRADE.

REFERÊNCIAS

8 COISAS QUE VOCÊ TALVEZ NÃO SAIBA SOBRE DONALD TRUMP. BBC News Brasil, [S. l.], 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz6jg1jv157o . Acesso em: 16 fev. 2026.

BACH, Maurizio. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. Sociologia & antropologia, v. 1, p. 51-70, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2238-38752011v113

DEUTSCHE WELLE. Trump segue doutrina MAGA em estratégia de segurança dos EUA. DW, 2025. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/trump-segue-doutrina-maga-em-estrat%C3%A9gia-de-seguran%C3%A7a-dos-eua/a-75070354 . Acesso em: 16 fev. 2026.

GRANCHI, Giulia. 'Brat', 'weird', 'Maga': o que significam os termos que marcam eleição nos EUA. BBC News Brasil, 13 ago. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72596pq4dro . Acesso em: 12 fev. 2026.

INVASÃO no Capitólio: relembre quando última certificação foi interrompida. CNN Brasil, [S. l.], 6 jan. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/invasao-no-capitolio-relembre-quando-ultima-certificacao-foi-interrompida/. Acesso em: 18 fev. 2025.

LILLA, Mark. A mente naufragada: sobre o espírito reacionário. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MAGA e 'era de ouro': o que significam expressões de Trump na sua posse. UOL Notícias, 2025. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/01/21/maga-e-era-de-ouro-o-que-significam-expressoes-de-trump-na-sua-posse.htm . Acesso em: 16 fev. 2026.

MORAES, Thiago Perez Bernardes de; SANTOS, Romer Mottinha. Tendências de buscas no Google por temas de políticas públicas e eleições no Brasil (2004-2013). Revista Sul-Americana de Ciência Política, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 123-142, 2018. DOI: 10.15210/rsulacp.v4i1.4344. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rsulacp/article/view/4344/8638. Acesso em: 10 fev. 2026.